

## A CLÍNICA DAS TOXICOMANIAS E A ÉTICA DE UM ESTILO ANALÍTICO

*Alba Riva Brito de Almeida*

O tratamento das toxicomanias em geral ainda é objeto de aferições epistemológicas e de discussões concernentes à delimitação da sua especificidade, ou seja, a decomposição em filigrana dos elementos que a particularizam e que desse modo consubstanciam o cabedal de indagações acerca dos seus traços distintivos.

Por toxicômano se define aquele sujeito aderido a uma droga, substância psicoativa cujo uso irrefreável ou intermitente configura e expressa o modo singular de atravessamento de uma lógica psíquica modelada pelos efeitos do tóxico. Como corolário deste enquadre, assume o sujeito uma representação marcada pelo signo do niilismo corporal ( instante fugaz da ação da droga , possivelmente um engolfamento do corpo pelo gozo obtido); assim, o ato toxicômano parece realizar uma tentativa de apreensão do ser sugado no gozo, até o paroxismo deste gozo. Por outro lado, logra diante do Outro a patente de segregado social, impondo por sua vez uma nomeação : Sou um toxicômano.

Portanto, no mais além da averiguação do lugar das toxicomanias em geral sob o ângulo da cooptação da sociedade de consumo sobre o retrato atual do usuário de drogas, não podemos deixar de pontuar o caráter incontestado, o reducionismo imanente à relação do sujeito ao Outro, aqui simbolizado pela cultura. Neste sentido, o toxicômano faz-se apanágio da exclusão desta relação com o Outro, reduzindo a significação da droga ao objeto de consumo, simplesmente.

O estatuto das drogas sempre foi consolidado, ao longo dos tempos, pela postulação de que a relação do sujeito com o Outro ( Outro aqui definido como o lugar da linguagem, a morada do dito ), quer dizer, o modo como o sujeito recebe do Outro a sua própria significação está balizada pela existência de um elemento que faça nó. A relação com a existência, mais apropriadamente com a ex-sistência se cruza no nó constituído pelo simbólico, imaginário e real. Em se tratando de história , de traços formalizados e repassados pelas gerações, pensaria que aquilo que passa, que se transmite, é da ordem do Nome-do-Pai, referido na sua eficácia ou no seu fracasso ( conforme atestamos nas toxicomanias ). Freud já esclareceu que a realidade psíquica se articula a uma história do dizer e que o sujeito avança sempre na construção de uma solução ao mal estar na civilização.

No campo da ex-sistência temos, ainda, a articulação do gozo do Outro. Para o Outro do capitalismo, o toxicômano é capaz de tudo deixar, para poder usar a droga; ele admite tudo que o Outro lhe diz, é adaptado e obediente ao comando do Outro. Aceitar tudo do Outro é se fazer objeto do gozo perverso do Outro, neste comércio onde, malgrado sua participação como consumidor, – onde inclusive permite operar a indústria rentável da droga – fica excluído da mais-valia. Sob este aspecto, assistimos ao costumeiro hábito ( de alguns toxicômanos ) de terem seus bens e muitas vezes os bens da família dilapidados, assim como de incorrerem na delinqüência, na prostituição e outros atos marginais em prol da aquisição da droga, este objeto incessantemente renovável. Dessa maneira, este sujeito adaptado ao modo de gozo do Outro é um sujeito cuja inscrição no Outro da lei permanece problemática, sustentando o emblema da condição de apagamento do ser subsumido no objeto total, a droga, suporte de um gozo infinito, que se opõe ao gozo pontual do órgão, limitado pela linguagem.

O sujeito preso nas malhas da linguagem, sujeito do inconsciente marcado, portanto pelo sexo ( castração e morte ), não adquire seu estatuto no campo das toxicomanias, porquanto submetido - sem balizamento - aos paradoxos do gozo. O real do gozo, na vertente do impossível ( o que não cessa de não se escrever ) não permite o deslizamento significativo na cadeia associativa, oferecendo grandes dificuldades para o analista, na condição de suposto saber.

A construção de um significante possível, garantia de instalação da transferência, denota uma das dificuldades aludidas no tratamento psicanalítico com toxicômanos. Sabemos que o sintoma analítico não se constitui a priori e tem vinculação direta com a possibilidade de que a

concatenação significante permita a assunção do sujeito do inconsciente, este que está pontualmente na lacuna do par significante, sob cuja oposição o objeto causa do desejo é relançado continuamente. No limite que o significante impõe na relação do desejo com o objeto ( este que é apenas contornado ), ou seja, nesta hiância instaurada pelo significante eleito na transferência, o sujeito se enodará e produzirá significações. O que está particularmente problematizado nas toxicomanias é que o percurso de produção e oposição significante se mantém obliterado num discurso amorfo, destituído, muitas vezes, de qualquer significação fálica.

Penso que a inauguração de um significante qualquer da transferência não se produz aleatoriamente, na clínica das toxicomanias, na medida em que o sintoma que provém do recalque ( processo singular que atinge significantes específicos da história do sujeito ) não aparece constituído. Assim, a inscrição de um significante é oferecida pelo analista, cumprindo uma função de “ representação – limite ”, de delimitação da posição daquele sujeito com relação ao Outro. Em alguns casos, arriscar-se como semblante deste objeto recorrente em seu discurso, a fim de não impedir o despregar de alguma chamada ( a convocação da pulsão invocante é estruturante para o sujeito ), relançando o objeto no tempo seguinte. A urdidura de um tecido que represente a realidade psíquica do sujeito e o seu “ adoecer ” implica a dimensão da temporalidade própria da “intoxicação da droga ” e a conseqüente imbricação transferencial a partir das representações inconscientes produzidas.

Com referência à questão de quando o significante não dá conta da experiência acrescento, à guisa de ilustração, o depoimento de um usuário de crack, em sua tentativa de discorrer acerca do que lhe acontece no momento em que está sob os efeitos desta droga. “ Não tem como explicar; é uma coisa que passa pela gente como se o corpo naquele momento desaparecesse, como se a gente transcendesse do corpo. Tudo acontece muito ligeiro e quando passa é como se começasse de novo a vontade, a procura da droga, a urgência de usar, a inviabilidade de esperar muito tempo. Nisso a gente passa horas, dias, até o organismo pedir para parar; aí, a gente pode ficar pela rua ou, se conseguir, voltar para casa”.

A natureza do inefável, do que não se encontra palavras para definir, para compreender ou para justificar a repetição do ato circunscreve a noção da inexistência de uma função que faça barreira no acesso ao gozo. Este gozo absoluto, inenarrável acompanha o testemunho dos usuários contumazes de droga e o caráter de infinitude, de não delimitação de uma borda engendra o motor eloqüente de um discurso expropriado de saber. É em torno do saber sexual que se organiza o jogo significante, na perspectiva do inacessível do gozo, posto que é como nada que se apresenta desde o princípio o buraco em volta do qual gira o jogo significante. O toxicômano não quer saber, não quer desvelar um sintoma, uma inquietação que encete uma fenda, uma divisão do ser; a droga, por conseguinte, responde à tentativa do sujeito de evitar a castração. Para o toxicômano é insuportável a separação com o objeto do gozo, a Coisa supostamente acessível. É neste percurso em que impera o tempo da necessidade, da satisfação, que ele se lança e que muitas vezes o conduz à morte. A ferramenta da busca para qualquer neurótico é o desejo; para o toxicômano é a satisfação

O que se pretende com as drogas ? Para a Psicanálise, evitar a castração. É nos encontros faltosos com o Outro que se constitui a causa desta busca, cuja premissa da impossibilidade de se fazer Um impulsiona o sujeito a reconhecer a alteridade. O sexo não faz Um; o sexo faz dois e graças ao amor, o sexo se acomoda um pouco, mas não completamente. O objeto sexual é parcial, ou seja, há sempre uma palavra que não vai dar conta, algo que vai faltar. A droga compõe o objeto como total. O alcoólatra ama a garrafa porque aí faz Um. Um verdadeiro casamento, fundamental, narcísico, de amor. A garrafa está sempre lá e não pede nada. O alcoólatra faz Um com a garrafa, no ponto em que todas as promessas de fazer Um com o Outro sexo se asseveram impossíveis ( o impossível da relação sexual ), desespero do ser humano. Fazendo Um, abole a diferença entre os sexos. O toxicômano não toma a droga como condição de gozo sexual. Ela é aquilo que evita a relação sexual.

Outro exemplo da tentativa que faz o sujeito de utilizar a droga como liame com o outro, no sentido da consistência do encontro direto, de enamoramento nos é fornecido pela

escritora Marguerite Duras, num trecho da entrevista à Estação de Rádio France-Culture : “... no álcool não se sente a morte. Mas tudo ocorre como se Deus existisse. O álcool é Deus. O mundo está vazio e eis que, de repente, existe Deus, e o mundo torna-se bom e resplandecente... Mas se o álcool tomou o lugar de Deus, o que é que agora ocupa o lugar do álcool, e por conseguinte, o lugar de Deus ? Ninguém pode substituir Deus. Ninguém pode substituir o álcool. Logo, Deus permanece insubstituível e então existe algo de inconsolável” ( 2 ).

Deus como garantia, a intoxicação como solução. A constituição do sintoma implica uma resposta ao enigma que o Outro nos coloca. A instauração deste lugar de enigma poderá ser obturado pela certeza de uma resposta, por exemplo, a droga. Marguerite Duras aponta para o fracasso desta montagem narcísica, naquilo que incorre como “inconsolável”. Contudo, para a transformação desta montagem narcísica em formação de sintomas é necessário o deslocamento deste objeto-solução, a droga, para a falta de objeto, produto deste questionamento acerca do enigma do Outro ( O que o Outro quer de mim? ou Que sou eu para o Outro ? Ou, ainda, Pode o Outro me perder ? ). Delimitar uma distância entre o desejo ( este que movimentava a cadeia significante e é da ordem do sexo ) e o gozo (sem discurso ) .

Os processos psíquicos sustentam a busca de um objeto que não se resolve, em que o desejo se mantém na incompletude, nos encontros faltosos com o Outro; desse modo, o enlace do sujeito ao objeto é rompido no ponto da subversão desta busca de uniformidade, de complementação do vazio, do que escapa na estrutura. Desde o apagamento do sujeito, efeito de estrutura, se erige o objeto presentificando o lugar do gozo do Outro, gozo este que elide as marcas da subjetividade e da separação entre o sujeito e o Outro. O sujeito em posição de objeto, escravizado pelo gozo do Outro, culmina por constituir uma eleição por um objeto, atribuindo-lhe valor e qualidade e a crença numa autonomia do objeto sobre o sujeito, o qual passa a se representar pelo modo de gozo do objeto, pelas demarcações deste gozo, cuja injunção afasta os efeitos da barra da castração, arrancando o sujeito da hiância que se produz no jogo significante. Dir-se-ia, então que a presença do objeto supostamente talhado para se gozar corrobora a certeza do ser, expulsando o tempo da certeza da dúvida.

Outro elemento importante de assinalar no estudo e tratamento das toxicomanias é o percurso do objeto pulsional , o olhar, na configuração dos pontos de gozo aos quais estes sujeitos estão aderidos. Sabemos que na histeria algo interroga ao sujeito . “O sujeito histórico oferece seu corpo como palco de gozo para que o olho do mestre produza um saber, situando-se ele próprio do lado do olhar. O olhar, este objeto do lado da histórica que deslumbra e fascina, não deixa Charcot imaginar um “teatro privado” – como dizia Anna O de seus devaneios – e muito menos uma Outra Cena para além do espetáculo do corpo. O espectador é, pois, necessário” ( 3 ).

O corpo se apresenta como lugar enigmático para o sujeito, pois o gozo do corpo funciona, apesar da palavra. Se este corpo também se oferece ao olhar, na medida em que corpo reificado, reduzido a nada ( vide os flagrantes de flagelo humano e de composição pictórica dos guetos formados por toxicômanos ), a Quem se mostra este corpo e para quê? Que nível de convocação à olhada do Outro o toxicômano realiza? Que oferece, desde sua posição de segregado com relação ao Outro ? Deve desaparecer para que seu lugar seja conservado? Pela exclusão, recomporia as bordas do seu circuito pulsional ? Não parece que ele procure efetivamente um espectador. Talvez o toxicômano ratifique a dimensão do olhar ( sem resposta ). Penso que aqui efetivamente também se constrói um espetáculo, porém de um ato único, monótono, compartilhado de forma unívoca por todos os atores do grupo, ou isoladamente. Este ato não reenvia a nenhuma Outra cena : há que ser lida conforme seu código impõe, ou seja, como um conjunto de signos que não exige decifração. Já está dito e todos a compreenderam. Só há grande Outro quando dele se fala. O liame que une os toxicômanos passa ao largo das trocas linguageiras, o que vale dizer que entre eles o discurso, enquanto efeito de laço social e portanto causa e efeito de enganos e mal-entendidos, não encontra lugar. A droga tampona a hiância do ser, afastando com destreza o tempo de insurgência da angústia e seus derivativos.

Em seu espetáculo, são figuras do silêncio “Silêncios fechados em uma forma particular de resistência que envolve e isola uma cena, uma ação à qual se referem, quando finalmente o

logram, na repetição do ato. Silêncio porque isso fica mudo muito tempo até que possa aparecer como queixa ou inquietação, como algo que ficou fora de toda palavra”( 4 ). As respostas do corpo anulam o tempo da articulação de uma pergunta, visto que já se dispõe da solução pela droga, momento chave da conformação narcísica ( no plano escópico ), não mediado pela pulsão invocante, provocadora de chamadas ou apelos a serem referendados. Como formula Lacan : “Eu te demando que me recuses aquilo que te ofereço, porque não é isso”.

A via da construção de uma demanda encontra-se obturada pelo excesso de satisfação, mesmo para aqueles toxicômanos que se queixam, não da droga, mas dos malefícios subseqüentes no âmbito da família e do trabalho

A “ mostração ”, em suas mediações narcisistas, configura o objeto droga para proteger contra o encontro sexual. O circuito da demanda neste sentido fica eclipsado pela presença do objeto total, não possibilitando a presentificação do inconsciente e sua realidade sexual. Se a pulsão é, em última instância, o seu traçado em ato, penso que algo a nível do absoluto deste objeto, na vertente da busca continuada e irrepreensível pela satisfação, faz com que o sujeito não emergja como efeito da atividade pulsional, que o corpo não sofra recortes. Lacan diz que a pulsão tem uma subjetivação acéfala ( 5 ); há um representante da representação, o qual se especifica enquanto enunciação no retorno pulsional ( na pulsão escópica, por exemplo, é quando se fará ver ). A falência fantasmática impede que o objeto pulsional caia representado e em consequência haja uma dimensão da pulsão que não fica estruturada. Se é no vai e vem da pulsão que as bordas se constituem, construindo esta montagem que se chama corpo, como se inaugura o lugar do analista enquanto suporte de interpretação, esta que permite, inclusive, a assunção do sujeito do inconsciente ? Se o sujeito é puro corte, como introduzir na empresa analítica a dimensão da cessação do tempo da mostração do gozo o qual, em sua fixidez, faz supor um objeto único, inexpugnável ?

A queixa de que tudo vai mal, que já não estuda ou trabalha não configura de imediato o percurso do corte com a droga, mas pode ser, em alguns casos, a mola propulsora que possa vir a desencadear alguma modalidade discursiva, a partir destas perdas.

O superinvestimento da função narcísica com a droga faz fracassar a erogeneização do corpo promovido pela função fálica, uma vez que na experiência clínica com pacientes toxicômanos verificamos o fato de, “em muitos casos, a angústia e as formações de sintoma desaparecem quando a montagem da toxicomania exerce suas funções. Trata-se, efetivamente de um corpo “conservado” pela montagem da toxicomania, constituindo nestas condições uma verdadeira suplência narcísica ” ( 6 ).

A problemática proposta para esta dissertação centra-se na articulação da clínica das toxicomanias, naquilo que se lhe apresenta como singularidade e o saber-fazer do analista, naquilo que se lhe apresenta como limite na sua prática. Na medida em que as toxicomanias não configuram um novo quadro nosológico, mas expressões clínicas de difícil manejo, como fazer operar o dispositivo analítico com quem, a princípio, não está interessado no gozo das palavras ?

Se é a partir do a ( como semblante ) que o analista vai operar, considerando o objeto da pulsão como perdido, podemos depreender desta afirmação que não existe nenhum objeto que traga satisfação. De outra maneira, diríamos, o objeto não é apreendido; ele é contornado. A partir desta aporia, como conceber a queda do objeto de satisfação nestes sujeitos adictos, como corolário dos modos de intervenção do analista? “O desejo do analista é esse desejo a-visado que possibilitará que o analista deixe que o analisante se sirva dele para ser causa de seu desejo.”( 7 ). É aquele que vai fazer surgir o inconsciente como sexual, acreditando ser possível promover a entrada do “elefante na sala ”.

O trabalho de formalização da demanda de demanda de um tratamento inclui o analista, o qual não deve gozar do analisante. A definição de desejo como desejo de nada ganha aqui relevo visto reconhecer-se, como tendência, a atitude mimética do analista com a figura do

legislador, da polícia ou do Estado podendo, inclusive, no cerne do seu ativismo intervencionista se moldar a partir de uma fantasia de oblatividade ou esforço caritativo. Sabemos que estas perspectivas quanto à posição do analista na cura estão sustentadas numa escora narcisista, com vistas a acentuar o Eu do analista ( que se confunde na sua espessura, com o próprio ser ). Neste âmbito, a ênfase nas interpretações de cunho sugestivo, educativo se consolida, demarcando o uso da linguagem em sua vertente imaginária, cuja euforia terapêutica dá respostas aos impasses da cura. Desse modo, o termo “toxicomania” evidencia-se como signo de um douto saber que não privilegia a urdidura de cada trama significativa. Se comprometido com a ética do bem-fazer, o analista poderá correr o risco de centrar-se na posição do amo que faz o escravo trabalhar para que trabalhe bem.

A posição ética do analista, baseado no que foi exposto acima, seria proceder à tentativa de devolver vida àquilo que se encontra petrificado no gozo indecível do Outro, sem aceder a uma significação fálica, fazendo suplência ao Nome-do-Pai.

O axioma que preconiza que o sujeito do inconsciente tome o analista por causa do seu desejo implica um artesanato cujos nós ainda não se encontram suficientemente articulados no toxicômano.

O trabalho com o toxicômano subverte o “não querer saber nada disso”, colocando o sujeito diante da condição que o paralisou, fazendo-lhe reconhecer como enigmática a escolha empreendida desde muito tempo. De outro jeito, colocar o corpo como sede do saber e da verdade inconscientes, tecendo em sua superfície o enlace da linguagem com o real da experiência mencionada do gozo e o imaginário re florido da relação de enamoramento dual com a droga.

Se a ética da Psicanálise nos indica a não ceder diante daquilo que se imputou a designação de inanalizáveis, sujeitos sem demanda, com dificuldades transferenciais, no sentido de um saber suposto ao analista ( como no caso das psicoses ), as toxicomanias reclamam por esta mesma posição de não recuo.

O desafio da criação do sintoma é um desafio ético, na medida em que este só se organiza mediante uma interpretação do Outro, fazendo surgir “teorias” e “romances”. Pensaria, com Marguerite Duras, na transformação do corpo encharcado pela bebida em uma escritura. E escritura é fundamentalmente questão de ESTILO.

A questão crucial seria, portanto, identificar e precisar em que medida o dispositivo analítico, cujo pivô é a transferência instituída, pelas configurações políticas, de estratégia e de tática, o Sujeito-suposto-Saber como estrutura de ficção e de engano, articulado ao desejo do analista não como mestria, mas trabalhando pelas vias do real ( que pode ser referido pela fixidez do gozo ), passando pelo desfiladeiro do simbólico, não prescindindo da consistência imaginária da relação de fechamento narcísico com o objeto, o qual exhibe o sujeito temporalmente colado ao objeto. Também aqui a temporalidade do corte inclui o desejo do analista, que vai fazer surgir o inconsciente como sexual. O trabalho psicanalítico propriamente dito se inicia quando se inaugura um outro jeito de falar sobre este parceiro, a droga.

O desejo do analista, como suporte de um estilo, poderia representar o gancho entre a demanda de poder se separar deste objeto promotor de gozo e o desejo a ser posto em causa.

Finalmente, como dar acesso à indeterminação do sujeito pela função da transferência e seu manejo pelo analista no específico de cada sujeito toxicômano se, por um lado, recortam desde o Outro uma nomeação generalizável, não mediada pela introdução da barra e, por outro, põem em evidência este Outro enganador, cuja submissão ( ainda que não lida ) designa o sujeito identificado naquele que mente, ou aparece refratário às alusões ao Nome-do-Pai? A mentira já é uma verdade e está enraizada, penso, no real da satisfação do objeto, suas conjunções e disjunções. A verdade da estrutura é o objeto a, onde deve entrar o analista

antecipando a abertura do inconsciente em uma anterioridade lógica e ordenadora.

Poder-se-ia arriscar que o tratamento com sujeitos consumidores de drogas estaria pautado na dimensão da destituição da droga como solução, ( não a partir do superego ), problematizá-la ( quer dizer, não preenchê-la de sentidos ), numa desconstrução cujo estilo dependerá, quiçá, do jeito como o analista pôde se localizar como desejo, de como o analista testemunha a sua própria castração, porque é evidente que o analista imprime algum selo no seu ato.

Para encerrar, indago se as tentativas de cernir as chamadas “especificidades” que a clínica nos apresenta não falam, justamente, deste exercício contínuo de revisão, desmontagem e redefinição dos contornos inerentes à lógica de cada discurso, precipitador de perguntas e inquietações também do lado do analista. O estilo analítico pode funcionar como um operador fundamental na configuração da modalidade discursiva e da estrutura psíquica subliminar ao consumo da droga.

A pergunta sobre a possibilidade do tratamento psicanalítico com usuários de drogas remeteria , portanto, aos conceitos e formulações teóricas basais da Psicanálise, prescindindo do ímpeto de construir “especializações ” sobre as quais o analista almejava lograr a anulação da angústia que eventualmente experimenta no curso de alguns tratamentos, em certas situações limites. A este respeito já fora proposto, anteriormente, a ênfase na posição do analista como borda, cujo estilo se definirá a partir do modo como trabalhou a instalação do significante da transferência

Para além do “furor-curandis” que subverte a direção do tratamento impulsionando, muitas vezes, a busca de garantias impressas no discurso autorizado dos mestres e repete, mimeticamente, o estilo destes como índice do “ideal” ou do “bom” estilo proponho a dissecação dos conceitos e proposições teóricos e clínicos que estão privilegiados no campo das toxicomanias, utilizando como operador de investigação os diferentes modos de nomeação de estilos formulados em cada tratamento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

( 1 ) BUCHER, Richard - Visão Histórica e Antropológica das Drogas. In BUCHER, Richard ( org ). Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1989.

( 2 ) ALCOOLISMO : APROXIMAÇÕES PSICANALÍTICAS. Boletim da Associação Freudiana na Bélgica, número 4, 119 páginas, 1985.

( 3 ) QUINET, Antonio - A HISTERIA E O OLHAR. In FALO : Revista Brasileiro do Campo Freudiano. Número 1, julho de 1987. Fator Editora.

( 4 ) STAUDE, Sergio – LA BULIMIA : EL SILENCIO Y LA MIRADA. In Cuadernos Sigmund Freud - El Cuerpo en Psicoanálisis - número 18, Escuela Freudiana de Buenos Aires , 1996.

( 5 ) LACAN, Jacques – O SEMINÁRIO, livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Zahar Editores.1979.

( 6 ) DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE – O Legado de Freud e Lacan. Jorge Zahar Editor.1993.

( 7 ) ERICSON, Nilza - DA INTERPRETAÇÃO E DO DESEJO DO ANALISTA In FALO : Revista Brasileira do Campo Freudiano , número 2, janeiro / Junho 1988.

( 8 ) LACAN, Jacques – ESCRITOS. In Abertura da Coletânea. Editora Perspectiva, 1978.